PALESTRAS

A eternidade do herói sem paternidade literária

EDUARDO CAMPOS(*)

Meus ilustres e pacientes audientes podem indagar, no vestíbulo dessa explanação, por qual motivo me animei a escolher um tema do folclore, que vai nos levar a todos, assim creio, a resgatar a inapagável figura de Pedro Malas-artes, de grande trânsito ainda hoje no conto popular, tradicional.

E coloco essa criatura de pé como herói, não em exercício de avaliação erudita, nem o pretendendo como um dos exemplos da obra de Thomas Carlyle, *Os Heróis*, autor que produziu um clássico estudo sobre os mais notáveis, e alinhou para os curiosos uns tantos vultos de soberba atuação no mundo, quais, para citar apenas dois, Napoleão Bonaparte e Dante Alighieri.

Como ia a dizer, não como herói da dimensão dos vultos que acabo de referir, mas do tamanho que cada um de nós, principalmente em estado de criança, costuma construir sob incontido entusiasmo e admiração.

O herói popular, a cada dia que passa, no fluir do tempo, não persevera o mesmo.

Em verdade, ouvindo-lhe as aventuras – como no caso de Pedro Malas-artes - a impressão colhida é de que o personagem visto ontem, hoje já não é o mesmo, e certamente amanhã ou depois, muito por diante, mais diferente se nos mostrará, já agregado de mais valores, exatamente os que se vão elaborando com a nossa própria adesão e acolhimento.

Pedro Malas-artes, quando reavaliado, acaba surpreendendo a começar da sua proclamada identidade universal (trata-se de

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

cidadão internacional), e depois pela longevidade que ostenta, algo em alguns casos, e sem exagero, a contar com mais de oitocentos anos de existência.

Têm-se notícias de sua atuação (e quase poderíamos dizer peripécias) em todas as Américas, ora no México, ora na Bolívia, ou na Venezuela, e nem imaginar que, nesse narrar, relate-se toda a área de sua influência no folclore.

É que, na genética de outro personagem, que se veste com todas as suas características (de humor cínico e extrovertido), está esculpido em contos indianos, nas histórias de brâmanes humildes, e também, de modo muito presente, a subir os palcos do teatro medieval, ou posto em cena pela criatividade e gênio, a exemplo, de Miguel de Cervantes.

Conto tudo? Poder-se-á dar por esgotado o assunto?

Nem pensar. Pedro Malas-artes, agora com o nome de Pedro Urdemala (designação semelhante a azarento), está imbricado também na comédia "Visita de los Chistes", de Quevedo, e, por mais vezes, em outras encenações na dramaturgia dos séculos XVI e XVII.

Cuidando mais especificamente de heróis de domínio popular, isto é, aqueles que transitam nas histórias mais antigas, a figura de Pedro Malas-artes (que já agora sabemos chamar-se também o Pedro Urdemalas), merecidamente vai juntar-se a outros fascinantes atores, quais o Barão de Munchausen e o espetacular Sindbad, "o marujo", que desse modo está mencionado no título de todas as publicações a seu respeito.

O primeiro dos mencionados heróis tem pelo menos duzentos anos de percurso no folclore universal, enquanto o "marujo", embarcadiço afortunado ou desafortunado, náufrago quase sempre em mares bravios, ora arrebatado dos conveses por aves gigantescas, terá, sem exagero, de trezentos a mais anos de longevidade, perdendo apenas, podemos ajuizar, para Pedro Malas-artes.

Mas o que vem a ser um herói, principalmente popular?

Desse modo tomo ao estudioso Joaquim Aguirre (como está em http://www-ucw-es,info.espéculo.numero3) a idéia de que "a

existência do herói depende da adesão social aos valores, isto é, ao grau de aceitação que exista a respeito da virtude, independentemente do que se compreenda por esta".

No mesmo lugar o autor sugere, a exemplo, a prevalência na época medieval dos valores cristãos que "se personificaram em el ideal caballerismo", e a toda certeza influentes na formatação dos heróis.

Certo é, e o raciocínio ainda tem o patrocínio do Sr. Aguirre, que a "sociedade engendra seus hèroes a sua imagen y semejanza o, para ser más exato, conforme a la imagen idealizada que tiene de sí mesma.".

Assim exposto, mas com limitações de explicação, pode-se imaginar o herói popular mais do que o erudito, nunca definido completamente, pois sempre estará passivo de novas mutações, a refletir não só as condições circunstanciais que o ensejam viver, mas, por diante, tudo que lhe for agregado de acordo com os sentimentos de nossa admiração.

Duas avaliações do articulista Aguirre - e prometo não me alongar mais no assunto - são decisivas para compreendermos a identidade do herói: "O herói é o grande ausente, o que entra na lenda e, por isso mesmo, escapa da realidade." - "O herói é o que já não está, ou nunca esteve, o desaparecido, o que só viveu nos sonhos e na ficção." (o.c., p.2)

Thomas Carlyle, na página 40 da longa e bem esclarecedora introdução a *Os Heróis*, após referir "o vigor robusto e simples do coração nórdico" deparado em suas lendas, a lembrar Thor e "o seu martelo-raio", dando-o personificado no calor do verão, tornado "deus da indústria pacífica assim como do Trovão", giza apreciação que esclarece o desafiante conceito de herói, ajudando a compreender-lhe a vocação perene: "Como maravilhosamente as coisas crescem, e morrem, *e não morrem!*" (grifamos)

E o herói das histórias ouvidas e repetidas pelo povo, o Pedro Malas-artes?

Nenhum outro autor o estudou mais detidamente, para não dizer exaustivamente, que Luis da Câmara Cascudo.

Descreveu o herói inserido qual "figura tradicional nos contos populares da Península Ibérica, como exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos. Convergem para o ciclo de Malas-artes episódios de várias procedências européias, vivendo mesmo nos contos orais dos irmãos Grimm, de Hans Andersen, dos exemplários da Europa de Leste e do Norte."

Arrematou com a definição que nos parece exata: "É o tipo feliz da inteligência despudorada e vitoriosa sobre os crédulos, os avarentos, os parvos, orgulhosos, os ricos e os vaidosos, expressões garantidoras da simpatia pelo herói sem caráter." (in *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Editora Itatiaia, 5ª edição, Belo Horizonte, 1984)

Praticamente Luis da Câmara Cascudo esgotou o assunto, dando ao leitor, e, como em meu caso ao pesquisador, as informações mais desejáveis (e úteis) para estudar e divulgar com mais profundidade a presença de Pedro Malas-artes no folclore.

E indo às fontes indicadas, e mais propriamente deparando o texto original das obras assinadas por Tirso de Molina, Cervantes, Quevedo, quanto mais vemos mais pasmados ficamos diante da influência operada por Malas-artes não apenas nos dramaturgos do século XVII, mas até em anônimos, do mesmo período, que chega a ponto de transformar Pedro Urdemalas em outro curioso Marco Pólo, viajante revelador de novos mundos, a fascinar o leitor com a longa narrativa de "Viaje de Turquía" (la odisea de Pedro Urdemalas)", obra resgatada em edição de Fernando G.Salinero (ver via Internet, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes).

Nos entremeses, nas pequenas e em peças maiores (geralmente de três atos) lá está pelo menos citado, lembrado, o finório Malas-artes, que persevera em outras terras na figura de Pedro Urdemalas.

Em "Don Gil de las calzas verdes"(ato III,cena1), por exemplo:

Quintana: "No sé a quién te comparar
Pedro de Urdemalas eres.
Pero? Cuándo las mujeres
No supistes ebredar?".

Em "Almoneda de Juan del Encina" pode-se ouvir também referências ao nosso herói, lembrando a necessidade do personagem ter à mão

> "...um libro de las Consejas
> del buen Pedro de Urdemalas,
> consuas verdades muyralas
> y sus hazañas bermejas..."

Na primeira jornada da "Comedia Famosa de Pedro de Urdemalas" quem entra em cena ao começo da função é Clemente e na primeira fala diz:

> "De tu ingenio, Pedro amigo
> y nuestra amistad, fe puede
> fiar mas de lo que digo..."

Das peripécias, prefiro denominar dessa maneira, de Malasartes, a que mais ouvi contada em rodas de calçada, pelos anos trinta do século que passou, foi a do herói indo sorrateiramente trepar-se em telhado de casa à beira da estrada, e de lá, do alto, da posição privilegiada ocupada, acompanhar pelas frinchas das telhas tudo que se passava na sala de jantar.

A dona da casa acabara de preparar no forno apetitosa galinha assada, logo levada ao guarda-comidas.

Depois fez o mesmo com um prato de arroz e outro de feijão, e em quarta providência acomodou nas prateleiras do móvel um doce de leite e docinhos de sobremesa.

Contentado com o que vira, Pedro desceu do telhado e a uma árvore próxima, onde escondera, foi buscar filhote de urubu.

Com a ave debaixo do braço, seguiu direito para a porta da casa e ali então se anunciou. A mulher o atendeu, sem entusiasmo, e só depois de demorada conversa, o finório, que se queixava sem forças, pôde se sentar.

Vencida essa primeira parte de sua estratégia, o homem explicou em voz lamuriosa: "Senhora, estou assim é de fome... Faz

mais de dois dias que não ponho nada de panela na minha boca... Se a senhora pudesse me dar alguma coisa para comer, eu certamente me sentiria melhor."

A mulher, em resposta, embora flutuasse no ar o cheiro da galinha assada escondida, mentiu: "Meu senhor, sinto muito, mas não fiz nada hoje no fogão. Lamento não poder atender.."

A esse momento o espertalhão apertou o urubu e a ave incomodada fez estranho ruído, a que logo acudiu Pedro: "Você já quer me fazer vergonha outra vez!"

A dona da casa quis então saber o que se estava passando. Aquela coisa falava? O que está acontecendo? Era o que queria o visitante, para explicar: "Fala e não tem educação. É mágico. Tão bonzinho o meu filhote de urubu. Agora mesmo está me dizendo que dentro do armário tem feijão e arroz..."

Assustou-se a mulher. E não demorou confessar: "Verdade, como sou esquecida! Estava guardando o feijão e o arroz para o meu marido, que anda de viagem e ficou de chegar hoje. Vou servir o senhor..." E de fato, mas contrariada, botou na mesa a comida feita.. "Coma, coma, senhor, e por favor vá embora".

Não demorou o filhote de urubu, apertado por Pedro, repetir ruído estranho. Curiosa, a dona da casa perguntou: "O que é que ele está dizendo dessa vez?" E o finório, a fingir acanhamento, informou: "Ai, que vexame! A senhora me disse que não tinha nada de comida, e o bichinho aqui me falou que não é verdade... Ah, eu nem queria dizer..."

A mulher tremia, o rosto em brasa: "Sim, mas o que está dessa vez escondido?"

E o Malas-artes, cínico, bastante calmo, foi falando: "Ora, minha senhora, e não é uma galinha assada, galinha cheirosa e bem temperada!?... É o que esse mal-educado está me revelando..."

A mulher tentou não se render, mas acabou confirmando. "Ai, que cabeça eu tenho, sou uma tonta, certamente velha, pois não é que fiz a galinha assada e nem me lembrava! Ah, mas o senhor vai provar dela, e vai gostar..."

E ao sabichão a dona da casa não teve outra alternativa senão servir a galinha preparada. E já temendo outras solicitações,

perguntou: "Essa sua ave mágica adivinha mesmo tudo?" E Pedro Malas-artes explicou: "Olhe, dona, meu bichinho quando faz ruído, pra conversar comigo, sendo em sala de jantar, eu já sei ... É comida que existe..."

Em seguida apertou firme o urubu, e falou alto: "Arre, fique quieto! Assim é demais!"

Foi quando a senhora, sem mais se conter, interveio: "E então ele ainda está fazendo revelações?"

"Assim como a senhora está ouvindo. Acaba de me dizer que tem sobremesa muito gostosa, e é doce de leite. E mais uns docinhos de outra qualidade..."

"Meu Deus!" – exclamou a mulher – "Só essa ave tendo pauta com o Demônio. Não é que ia esquecendo... Tem, tem doce de leite, e docinhos também..."

"A senhora me desculpe, mas o bichinho às vezes fica inconveniente..."

Sem se conter, a mulher indagou: "O senhor é capaz de vender essa coisa mágica?"

"Ora, vender não estava pensando não, mas dependendo do preço..."

"Queria tanto ser dono dela.."

"Bom, como a senhora foi boazinha comigo, eu vendo..."

Ajustaram o valor da transação, a mulher pagou o exigido pelo misterioso visitante, achando ter feito grande negócio.

Foi partir Pedro Malas-artes, chegou o marido da mulher. Muito feliz, ela narrou a visita do estranho, a compra do urubu mágico, ave que adivinhava tudo, até comida escondida...Mas ao tentar fazer o filhote de urubu se comunicar com ela, nada conseguiu.

Nessa hora falou o marido: " Mulher, você acabou de ser enganada... E o homem que esteve aqui, comendo a minha comida, e "comendo" também o meu dinheiro, foi o Pedro Malas-artes..."

Em outras versões os pratos preparados pela dona da casa não estavam destinados ao marido, mas ao amante.

A figura do amante, em drama de adultério, sempre ridicularizado nas histórias da época medieval, não deixa de aparecer

nas histórias desse herói. Mas os temas mais comuns são os que se ocupam de comida e defuntos. Na verdade, nesse caso, ora na venda da própria mãe do herói, ora na negociação do cadáver de pretensa mulher "filha do Rei".

A propósito dessa vertente nas histórias de Pedro Malasartes o escritor Aluísio de Almeida, de São Paulo, em exemplar revista ali editada – "Investigações" (São Paulo, ano III, abril de 1951) – teceu o seguinte comentário:

"Malazarte (sic) inicia sua aventura vendendo a própria mãe defunta, empurrando o cadáver em várias casas, e depois, dando o alarme, acusando os donos de assassínio e exigindo deles um dinheirão para não os denunciar. Há muitas versões ou variantes desse fato principal. Uma delas é repugnante. João, o irmão, deixa-o guardando a velha doente e ele mata-a..."

Adiante: "De um monstro assim tudo se espera, é incrível que o conto não inclua uma frase condenando o crime..."

Análise equivocada, a única que se pude encontrar sobre o comportamento do nosso herói.

Necessário compreender o significado do corpo despojado de vida na existência dos que continuam de pé. O cristianismo acendia em todos a importância do espírito. O corpo, nada mais que matéria para ser consumida pela terra...

Luís IX, que depois seria santificado, no século XII, encontrou de modo inesperado a morte diante de Túnis, distante de sua terra natal. Vai o cadáver do rei metido em caldeirão, cozido, a carne separada dos ossos. A primeira ficaria de posse do irmão, e os ossos, considerados mais importantes, tocariam ao filho, por serem consistentes, e, simbolicamente, representarem a "fortaleza", a "dureza" do grande rei atropelado em campo de batalha não por armas inimigas mas por desmoralizante disenteria..

O corpo desprovido de vida é assim parte da história e parte do folclore que se formaria ao longo dos séculos. Desse modo a idéia de pouco valor do corpo já sem vida repassada ao povo, e também a do alimento a faltar sempre à mesa dos mais pobres. Durante séculos, na Idade Média, até os animais silvestres pertenciam ao Rei e a sua corte, para o exercício da caça.

Daí em quase todos os episódios das aventuras de Pedro Malas-artes, pelo menos nos mais significativos, a idéia da obtenção da comida, por meios mágicos... e o cadáver humano manipulado, se assim podemos dizer, como objeto de barganha, sem nenhum sentido afetivo ou de respeito.

Não obstante todo o nosso desprezível desdém urbano, hoje, pelas histórias populares, e mais, sob o quase total indiferentismo do ensino universitário pelo folclore, entre nós, o herói Pedro Malas-artes persevera a animar as recordações e entretenimento das pessoas mais simples.

Trazendo assunto dessa dimensão histórica, para uma aula da Academia Cearense de Letras, nada mais fiz (ou faço) que honrar aos meus princípios, a minha formação de pesquisador, e, sobretudo, a meus sentimentos de amor às tradições.

Obras consultadas:

(Além das já assinaladas no próprio texto)

Marcelin Defourneaux, "A Vida Quotidiana no tempo de Joana D´arc", Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d; "Anuario de la Sociedad Folclorica de Mexico", Mexico, 1951; "Archivos Venezolanos de Folklore", ano 1, julho-dezembro, n.2, Caracas, 1952; Sílvio Romero, "Contos Populares do Brasil", Editora Itatiaia, Limitada. Belo Horizonte, vol.87, 1985; Luís da Câmara Cascudo, "Contos Tradicionais do Brasil", Global Editora, São Paulo, 2001; Dixon Wecter, "Os Heróis" , Editora Lidado, Rio, 1965; Jacques Lê Goff, "São Luís", Editora Record, Rio, 1999.

Nota do Editor: o texto ora impresso, recuperado de gravação, foi pronunciado de improviso por Eduardo Campos, no dia 24 de agosto de 2004, na Academia Cearense de Letras, e, repetido, posteriormente, em sessão do Instituto do Ceará.